

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Roberta Pedroni

GIRO SUFI: o contexto e a iniciação pelo olhar do iniciado.

Porto Alegre

2012

Roberta Pedroni

GIRO SUFI: o contexto e a iniciação pelo olhar do iniciado.

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Ms. Jair Felipe Bonatto Umann

Porto Alegre

2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente todos os seres e coisas que passaram na minha vida, construindo os momentos que me trouxeram até aqui.

Sou grata, especialmente, por ser parte dessa existência imensurável que me proporciona, tantas vezes, um deleite que nem eu mesma consigo conceber.

Agradeço, por fim, a oportunidade incrível de vivenciar o mundo através de um corpo humano, e desfrutar da sensação de saúde e movimento que sinto diariamente por meio dele.

“Necessita-se de paz e de liberdade, neste mundo; não da paz política, nem da liberdade existente em certas democracias: precisamos estar livres, interiormente, da ansiedade e do medo, do desespero, do incessante conflito, da interminável batalha que se trava dentro de nós mesmos. A menos que se estabeleça essa liberdade e paz, não teremos possibilidade de florescer – em bondade, beleza, afeição.”

Jiddu Krishnamurti

RESUMO

A busca por experiências que conduzam o ser humano a um estado reflexivo e consciente de si tem sido cada vez maior nos dias de hoje. Diversas práticas ancestrais de meditação, transe e ampliação da consciência são retomadas ou deslocadas de sua origem e utilizadas como um possível caminho no desenvolvimento harmônico do ser humano, como é o caso do Giro sufi – a técnica de êxtase místico dos sufis *Mevlevi*. Desse modo, o objetivo deste trabalho é compreender a origem e o contexto onde o Giro sufi se insere, observando características e princípios que norteiam essa prática meditativa, e relacionando seu método de aprendizagem com a educação de hoje. Através da própria experiência da autora e de revisão bibliográfica sobre o tema, o trabalho se constrói pela revisão histórica acerca do Sufismo, da Ordem sufi *Mevlevi* e do ritual do *Sama*, a fim de possibilitar um olhar refinado sobre as ideias que envolvem a vivência no Giro sufi, foco central da pesquisa. Ao participar do ritual do *Sama* e aprender a técnica do Giro, o indivíduo é iniciado em valores de vida sufis, que o oportunizam perceber a si mesmo e o mundo de maneira integrada e conectada. Assim, buscando relações entre o ensino sufi e o fazer pedagógico contemporâneo, a autora propõe um diálogo entre o modo de ensino no Giro sufi e um olhar sobre a educação nos tempos de hoje, voltado ao desenvolvimento sensível e integral do ser humano.

Palavras chave: Giro sufi, dança, meditação, alteração de consciência.

ABSTRACT

The search for experiences that lead the human being to a state reflective and self-aware has been increasing nowadays. A different ancient practices of meditation, trance and expanding awareness are rescued or displaced from their home and used as a possible path in the harmonious development of human beings, such as the Sufi Spinning – the technique of the Sufi *Mevlevi's* Order of mystic ecstasy. Thereby, the objective of this work is to understand the origin and context where the Sufi Spinning falls, noting characteristics and principles that guide this meditative practice, and relating their learning method with education of nowadays. Through the author's own experience and literature review on the topic, the work builds on the historic rescue of Sufism, Sufi *Mevlevi's* Order and the ritual of *Sama*, to enable a refined look on the ideas that involve living in Sufi Spinning, central focus of this research. By participating in the ritual of *Sama* and learn the technique of Spinning, the individual starts in Sufi values of life, realizing that nurture yourself and the world in an integrated and connected. Thus, searching for relationships between sufi teaching and contemporary pedagogical, the author proposes a dialogue between the teaching mode in the Sufi Spinning and a look on education in today's times, focused on the sensitive and complete development of the human being.

Key words: Sufi Spinning, dance, meditation, expanding of consciousness.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. O SUFISMO	09
2.1. RUMI E A ORDEM DOS <i>DERVIXES</i> GIRADORES.....	14
3. SAMA, O RITUAL	18
3.1. A DANÇA, O GIRO	20
4. O CAMINHO METODOLÓGICO	23
4.1. O PERCURSO QUE CONSTRUI.....	24
5. MEU GIRO	28
6. INICIAÇÃO E APRENDIZAGEM	32
6.1. EDUCAÇÃO PARA O PRESENTE	35
7. CONSIDERAÇÕES	38
REFERÊNCIAS	40

1. INTRODUÇÃO

Nos tempos em que vivemos hoje, o ser humano se encontra em um estado de alerta e urgência em relação ao seu destino na terra. Vive em constante insatisfação, gerada pela ansiedade e angústia da repetição, do condicionamento e da padronização de suas escolhas e desejos, que resultam na falta de espontaneidade e liberdade interior. Essa situação em que a humanidade se encontra intensifica os conflitos, assim como os cria, tanto no indivíduo consigo mesmo, como na relação com os outros e com a natureza que o cerca. Em consequência disso, o homem vem buscando maneiras de aliviar suas aflições, que vão desde instigar discussões sobre questões atuais que a sociedade vive, nas mais diversas áreas de conhecimento, como também vivenciar experiências e práticas que ampliem sua percepção e consciência sobre si e sobre o mundo.

Na minha própria busca por essa ampliação da percepção e consciência, dentre algumas idas e vindas, tive oportunidade de vivenciar uma das grandes transformações da minha vida. Particpei de um retiro espiritual¹ há algum tempo atrás, onde, dentre outras atividades terapêuticas, fiz pela primeira vez o Giro² sufi, através de um processo de iniciação. Naquela situação, o Giro era utilizado como uma técnica de meditação e acontecia dentro de um ritual específico, com uma estrutura formatada. Na época, não tive muitas informações objetivas sobre o que era o Giro, aquele ritual e, mais ainda, o significado do “sufi” que acompanhava o nome da técnica. Porém, aquela experiência mexeu comigo de tal forma, que hoje trago-a comigo intrínseca aos meus valores e olhares sobre o mundo, assim como uma inspiração para este trabalho.

Dentre outros objetivos com esta pesquisa, alguns mais íntimos e pessoais, tenho por intenção desvendar o Giro sufi, apresentando seu contexto histórico e cultural, e revelando os princípios que permeiam essa prática. Além disso, procuro relacionar os ensinamentos que envolvem a aprendizagem dessa experiência com discussões acerca da educação nos dias de hoje.

¹ Nome bastante utilizado para retiros e vivências que abordam questões inerentes ao ser (o eu interior de cada um), ao âmago/centro de cada indivíduo.

² A palavra Giro será utilizada em letra maiúscula quando referida ao movimento específico dos *dervixes Mevlevi*, diferenciando-a, dessa maneira, do próprio substantivo “giro”, derivado da ação de girar.

A iniciação no Giro sufi é, tanto simbolicamente como culturalmente, a iniciação nos valores de vida sufis, que estão imersos nos conhecimentos do Sufismo – conhecido como o lado místico da religião do Islã. Os sufis, aqueles que veem o mundo através do Sufismo, acreditam que o homem está afastado e desconectado da existência e precisa encontrar o caminho de volta. Dessa maneira, criaram práticas de oração e de meditação que facilitassem essa aproximação consciente do homem com tudo que existe.

Ao olharmos para o ensino de hoje, que ocorre de forma fragmentada e através de disciplinas (especialidades), podemos observar que a educação não dá conta de inserir o indivíduo dentro de um contexto ampliado, da natureza e das relações com a vida, no qual lhe seja fornecido subsídios para outro modo de viver no mundo, mais harmônico e pacífico. Assim, é cada vez mais crescente a necessidade de que as ações pedagógicas estejam voltadas ao desenvolvimento integral do ser humano, baseadas na compreensão do funcionamento do homem e do que está ao seu redor. Dessa maneira, conhecendo mais de perto o Giro sufi e, conseqüentemente, o Sufismo e seus valores na formação humana, proponho que pensemos sobre esses valores dentro do contexto educacional contemporâneo, trazendo comigo pensadores como Morin, D'Ambrósio e Krishnamurti, que me auxiliam a entender o homem atual e suas necessidades.

Essa pesquisa, portanto, é do tipo exploratória, que se apoia técnica de pesquisa bibliográfica, e traz como base inspiradora a autobiografia. O trabalho se constrói através das reflexões da minha experiência no ritual do Giro sufi, na revisão dos aspectos históricos referentes ao tema, da articulação de referenciais teóricos sobre o assunto, e de possíveis discussões acerca da formação educativa do ser humano nos dias de hoje.

Apresento, a seguir, uma proposta de conhecermos mais detalhadamente o Sufismo e sua mística, assim como um de seus rituais, instigando um entrelaçamento de conhecimentos observados no ensino sufi, com o ensino ocidental do nosso tempo.

1. O SUFISMO

Antes de observarmos mais atentamente a Dança-giro sufi que envolve este estudo, e principalmente refletirmos sobre o momento de iniciação onde ela é aprendida e praticada, sinto que é preciso entendermos a motivação para a mesma um dia ter sido concebida. Embora hoje em dia o ritual do Giro seja vivenciado com as mais diversas intenções, sendo técnica de meditação em contextos diferentes de sua origem, surgiu em espaço e tempo específicos, com o intuito de atender a necessidades peculiares. Sem pretensão de definir termos ou fechar conceitos, brevemente voltemos nosso olhar para o mar no qual navegam os sábios ensinamentos motivadores dessa técnica de êxtase pelo movimento.

Podemos compreender objetivamente o Sufismo como um caminho para a aproximação do homem com o que é divino³ e com a perfeição e harmonia inerentes a toda a existência. Uma vez que tem, segundo Oliveira (2001, p. 60) :

[...] a unidade do ser humano com Deus como meta. Esta união é um retorno, um retorno de uma centelha luminosa à sua origem. A alma humana é entendida como parte da essência Divina. É parte desta multiplicidade que vela a Unidade. Este conceito é fundante no Sufismo.

Seu grande objetivo, portanto, é a procura pela sensação de unidade, de integração completa, de transformar-se na própria experiência divina, assim “todos os esforços dos sufis na busca de Deus partem da compreensão de que, vivendo no mundo fenomênico, o homem perdeu a própria ligação com Deus e que, para retomá-la, tem que morrer completamente no fundo do próprio ego”. (WOSIEN, M., 2002, p. 22) O Sufismo é, dessa forma, um modo de entender o ser humano e sua conexão com tudo que existe, assim como um método de ampliação de consciência e iluminação.

Não se sabe exatamente quando o ensino súfico surgiu, nenhuma origem histórica é datada, mas os próprios sufis acreditam que seus princípios e ideias existam no ser humano desde o início dos tempos, se pensarmos que o homem, observando a natureza, percebia a presença de algo maior que ele mesmo – algo que pairava sobre todas as coisas e as organizava. “Quando o ser humano da

³ A palavra divino tanto pode significar o que “pertence a Deus” ou “proveniente de Deus” , como “algo sublime, perfeito e maravilhoso”.

antiguidade dançava, ele vivenciava os deuses em torno de si” (WOSIEN, M., 2002, p. 08), buscando a sensação de participação e fluidez com tudo que o rodeava e movimentava.

De qualquer forma, por mais intrínsecas que sejam as ideias do Sufismo no ser humano, ele se constituiu e foi protegido enquanto conhecimento dentro do Islamismo, sendo considerado o lado místico dessa religião. Por místico, podemos pensar em algo que busca a comunhão com a grande verdade, com a divindade, ou, como nos diz Idries Shah sobre o próprio Sufismo: “É oculto e místico na medida em que segue outro caminho que não o apresentado como verdadeiro pela organização autoritária e dogmática”. (SHAH, 1977, p. 25)

Essa organização, neste caso, se refere ao Islamismo que é um sistema religioso surgido no século VII a partir de Maomé, considerado o grande e último profeta enviado por *Allah* (nome em árabe designado para Deus). Maomé, como consta na história do Islã (também chamado o Islamismo), recebeu a visita do anjo Gabriel durante alguns anos de sua vida, onde este transmitiu conhecimentos essenciais para a existência do homem na terra de acordo com a vontade de *Allah*. Esses ensinamentos resultaram em escritos que se organizaram no livro chamado Alcorão, ou Corão.

Os muçulmanos, nome que recebem os adeptos dessa religião, acreditam e seguem devotamente as palavras contidas no Alcorão, uma vez que creem ser estas as palavras literais de *Allah* direcionadas para o ser humano.

O crente se submete à determinação do seu Senhor, como uma submissão absoluta. Obedece-Lhe em todos os seus mandamentos, apesar de não saber o porquê disso, nem qual o seu benefício, e abandona tudo quanto Lhe é proibido, mesmo sem captar o mistério da proibição. (ATTANTÁWY, 1990, p. 72)

Sendo assim, entendendo a sua existência com o único e indiscutível propósito de servir a Deus, vivem suas vidas buscando agir e entender o mundo de acordo com os ensinamentos contidos nos livros sagrados - além do Alcorão, o Torá, os Salmos e o Evangelho; assim como seguem as crenças principais do Islã: crença em um único Deus, crenças nos anjos (seres criados por Deus), crença nos vários profetas enviados à humanidade, crença no dia do Julgamento Final e crença na predestinação (o destino de tudo está nas mãos de Deus). Por fim, “o significado

original da palavra Islã é 'submissão' (ao divino) e paz (*Salem*, paz, deriva da mesma raiz de *Islam* na língua árabe)". (AZEVEDO, 2001, p. 34).

A fé islâmica comporta normas rígidas de conduta e de devoção, a fim de que o muçulmano possa conduzir suas atitudes dentro da religião acreditando ser o mais adequado e afinado com os ensinamentos de *Allah*. Sobre uma das práticas repetidas e feitas permanentemente pelos muçulmanos, Azevedo (2001, p. 36) nos esclarece que "as orações diárias possibilitam uma abertura no 'cerco' que as preocupações materiais e terrenas mantêm sobre a alma de cada pessoa, propiciando-lhe por assim dizer 'respirar', voltando-se para o Eterno cinco vezes ao dia".

Dentro desse contexto religioso de devoção e crenças, o Sufismo foi se desenvolvendo como um modo diferenciado de conexão com o ser Divino. Embora a crença em único Deus, assim como a apreciação do Alcorão estejam presentes no Sufismo, é importante destacar que o caminho proposto por ele não é de submissão, mas de conscientização e participação efetiva naquilo que une tudo e todos. Considera que todos compartilhamos de uma só vida, e propõe que cada um descubra isso e potencialize a sensação de união. Acredita que, como nos diz Idries Shah (1977, p. 50):

[...] a humanidade é infinitamente perfectível. A perfeição chega pela harmonização com a existência como um todo. A vida física e a espiritual se encontram, mas só quando existe completo equilíbrio entre elas. Consideram-se desequilibrados os sistemas que ensinam o alheamento do mundo.

O Sufismo pode ser considerado, então, desde uma filosofia, uma religião ou mesmo um modo de entender e sentir a existência do homem no mundo. Aqui, procuraremos olhá-lo como uma experiência humana que resultou em uma percepção ampliada acerca do elo que envolve tudo que existe, inclusive o próprio ser humano.

Os sufis, também conhecidos por *dervixes*, são aqueles que escolheram trilhar esse caminho de percepção da divindade no homem e construíram, ao longo da história, modos de facilitar o efetivo contato do homem com Deus - o Divino. O tema central da vida dos sufis é a liberdade da alma, que é obtida através do desapego com o próprio ego (a noção interiorizada do eu) e da entrega completa para um estado de perfeição e harmonia.

No livro “A mensagem sufi de Hazrat Inayat Khan” encontramos diversos ensinamentos sufis, através do olhar desse mestre, numa grande variedade de assuntos. Nesses escritos, podemos observar o modo com que um sufi compreende os diversos temas cotidianos que envolvem o homem e sua maneira de se relacionar com os outros e consigo mesmo; questões como saúde, equilíbrio, julgamento, consciência, casamento... O ensino súfico propõe uma visão integrada da vida, onde pensamentos, sensações e atitudes estão em equilíbrio, concordando entre si e se manifestando em unidade. Transforma, dessa maneira, o indivíduo em um ser completo, livre de conflitos e de angústias, uma vez que essas sensações são causadas pelas contradições constantes que ocorrem dentro do homem – nos sentimos de uma maneira, pensamos de outra e agimos diferente de ambas. Segundo o que consta no livro, existem três diferentes estágios de desenvolvimento espiritual: ATMA, que significa alma, ou indivíduo, pessoa; MAHAT, alma elevada ou ser iluminado; e PARAMATMA, que se refere ao homem divino, pessoa autorrealizada. No primeiro estágio, a pessoa comum, o indivíduo, é aquele que dá maior importância ao mundo e menor importância ao Divino. Já na segunda categoria, do ser iluminado, este dá maior importância ao Divino, à devoção, e menor importância ao mundo. Porém, no último estágio, considerado o de maior evolução, o homem passa a agregar importância tanto ao mundo como ao Divino, encontrando então o equilíbrio de seu dia a dia e suas atividades, com a existência harmônica do todo.

Segundo a perspectiva do Sufismo, o modo de acessar a presença do Divino dentro de si mesmo é através do amor. Mas o amor, nesse caso, não é limitado à relação amorosa, conjugal, ou mesmo entre pais e filhos e amigos. O amor que os sufis se referem diz respeito à comunhão entre os seres, à partilha, à entrega e ao reconhecimento de si mesmo no outro. O sentimento amoroso, então, é aquele que surge do elo, da ligação encontrada entre os seres. Conforme Shah (1977, p. 307):

O amor é o grande tema que percorre o oceano da poesia sufista e também os ensinamentos pessoais dos mestres. O amor é, essencialmente, o criador de estados de experiência, que são, por si mesmo, ‘dádivas’. Há duas formas gerais de amor – o amor comum e o amor especial. [...] O verdadeiro amor, do tipo especial, não é genérico, mas específico. Ele observa a beleza em todas as formas, mas sua atenção é realmente dirigida para a essência, que é o único amor num sentido definitivo. Uma pessoa não ama assim se o amor é passível de distração. [...] O efeito do amor mostra-se no contraste

entre o amor que embeleza a existência (amor comum) e o amor que a refina (amor especial).

Portanto, um sufi quando ama não cria restrições ou pré-requisitos. Não ama por motivos preestabelecidos e ideais ou por necessidades pessoais; ama porque assim se sente, conectado com tudo. E essa sensação de coletivo, de conexão, cria as melhores possibilidades para a libertação, uma vez que o apego a si mesmo, ao individualismo inconsciente da unidade, é justamente o que aprisiona o indivíduo dentro de si mesmo e o impede de gozar da vida tranquilamente.

Acontece que não tem sido simples para o homem observar tais questões. Nossa atitudes tornaram-se automatizadas e repetitivas, com mecanismos de conduta prontos e estagnados. E nossa construção social, nossos meios de aprendizagem, revivem constantemente esses traços permanentes que, ao longo de nossas vidas, foram nos constituindo. Assim, a variedade de estímulos recebidos durante o percurso dos nossos dias instigam desejos e preocupações, auxiliando-nos a conceber uma imagem ideal de indivíduo, que nem sempre condiz com nossos desejos mais íntimos, puros e espontâneos. A despeito disso, voltemos a atenção as palavras do mestre Hazrat Inayat Khan:

A cegueira do homem aumentou quando passou a roubar do bezerro e desfrutar o leite da vaca, o alimento que a natureza deu aos bezerros. À proporção que a cegueira do homem se tornou mais aguda, o ego cresceu mais ainda de uma forma tirânica. Começou a sacrificar a vida dos pássaros e dos animais para satisfazer suas fantasias e apetite. Foi assim que o homem passou a sustentar seu físico, com coisas injustamente acumuladas, tecendo um véu tão denso que cobriu seus olhos, tornando-o egoísta e sensual, a ponto de considerar como únicos objetos de sua vida a satisfação de suas paixões e apetites, e a obtenção do conforto e grandeza.

Tradicionalmente, o entendimento sufi baseou-se de maneira substancial em sessões de perguntas e respostas, conforme surgiam as necessidades de esclarecimentos acerca de algum tema ou dificuldade da sociedade. O conhecimento do Sufismo, portanto, possui um caráter vivo e dinâmico, condizente com as demandas do tempo em que se vive. De acordo com Idries Shah (2011), o pensamento e a ação sufis requerem seus próprios formatos, nos quais podem se manifestar e operar. É por essa razão que, no passado e nas inúmeras áreas de expressão, o Sufismo estabeleceu e manteve suas próprias instituições e centros de ensino. Assim, ao longo do tempo, foram se organizando em comunidades ou

irmandades, conhecidas como Ordens, onde, através da condução de um mestre ou guia espiritual, "praticavam-se exercícios de contemplação individuais ou coletivos, capazes de induzir a estados extáticos", como nos diz Maria-Gabriele Wosien, em seu livro "Os Sufis e a Oração em Movimento" (2002, p. 27). Cada Ordem construiu seus ritos e cerimônias específicos, assim como instituiu seus próprios modos de iniciação à prática sufista. Porém, tal qual o Sufismo, essas corporações não são permanentes e estáticas, hierárquicas e fixadas em premissas prontas. Pelo contrário:

[...] a extensão em que o sufi se adapta a tais formas é determinada pela precisão que tenha delas, tal como prescreveu o seu mestre. [...] A ordem sufista, portanto, representa o grupo de pessoas especializadas na aceitação, no uso e na transmissão do Sufismo. Não possui forma tradicional, e sua aparência exterior dependerá das condições locais e das necessidades do "trabalho". (SHAH, 1977, p. 317)

Os sufis, portanto, reuniam-se através dos ensinamentos de um mestre, e juntos reviviam o Sufismo, constituindo um ensino que pudesse atender as necessidades humanas que estavam em seu entorno.

2.1. RUMI E A ORDEM DOS *DERVIXES* GIRADORES

O persa Jalaluddin Rumi (1207 - 1273), ou *Mevlana*, grande poeta místico da tradição persa e árabe, foi quem inspirou a constituição da Ordem sufi *Mevlevi* ou Ordem dos *Dervixes* Giradores, assim como foi o criador do Giro sufi, a dança praticada dentro dessa comunidade.

Nascido em 30 de setembro de 1207, em Balkh (norte do atual Afeganistão), Rumi desde pequeno teve acesso à teologia e literatura clássica árabe através de seu pai, Bahauddin Walad, mestre sufi. Por apresentar forte predisposição aos ensinamentos místicos, foi logo nomeado *Mevlana*, que significa "nosso mestre" ou "nosso senhor".

A vida de Rumi teve uma trajetória repleta de episódios e momentos importantes para a construção de seus conhecimentos, desde suas viagens forçadas devido às invasões que ocorriam frequentemente na época, assim como as orientações de diferentes mestres que, gradativamente, facilitaram a entrega de Rumi à experiência plena de entendimento e fruição. Dentre tantas situações vividas

por ele, cabe aqui nos determos àquela que parece ter sido decisiva tanto para o surgimento da Ordem *Mevlevi*, como para a criação do Giro: o encontro de Rumi com o mestre sufi Shamsuddin de Tabriz, ou Shams. Como nos conta Camargo (2002, p. 39):

O encontro entre os dois mestres foi tão forte e profundo que permaneceram quarenta dias no jejum do *vesal* (união mística com o amado). Shams passou a viver na casa de Rumi, que, ocupando-se inteiramente do *dervixe*, abandonou as aulas e conversas com seus discípulos, nada mais fazendo, a não ser dialogar com Shams.

Embora existam inúmeras versões e relatos de como aconteceu o momento em que ambos se conheceram, o interessante da história é a diferença pontual entre os dois que os atraiu e trouxe a sensação de completude. Isso porque Shams, em contraponto ao conhecimento rebuscado e reconhecido de Rumi, era um monge viajante de sabedoria simples, trazendo em sua bagagem experiências em práticas místicas desconhecidas. Uma vez que Shams ousou questionar e confrontar Rumi, traçando discussões teológicas importantes, ambos perceberam que existia ali um potencial para uma troca mágica e essencial.

Porém, como observa Maria-Gabriele Wosien (2002, p. 52):

A amizade mística entre Rumi, o erudito venerado no circuito oficial político e espiritual, e Shams, o *dervixe* vindo de não se sabe de onde, que já provocava nos seus contemporâneos religiosos uma certa derrisão e ainda não queria mesmo adaptar-se a qualquer norma prescrita, logo cedo virou escândalo.

Dessa maneira, os familiares e discípulos de Rumi incomodavam-se com a relação dos dois, e forjavam um clima insuportável de desapontamento e conspiração. Em razão disso, a relação dos dois foi, pouco a pouco, sendo afetada, ao ponto que Shams acabou desaparecendo da vida de Rumi. Não se sabe exatamente como isso ocorreu, pois existem versões diferentes para o acontecimento, mas o fato é que, com a sensação de desilusão causada pelo sumiço permanente de seu mestre adorado, Rumi deixou que o sentimento de perda aflorasse sua expressão artística, escrevendo o livro de poemas épicos *Masnavi*, dedicando-o à Shamsuddin. Além disso, foi também nesse momento onde a técnica *dervixe* do êxtase místico através da movimento se instituiu e transformou-se em um dos rituais mais praticados da confraria dos sufis *Mevlevi*. "Rumi girava ao som da música, em transe místico, compondo odes e quadras". (CAMARGO, 2002, p. 50)

Nos escritos de Rumi, é possível observar a importância que Shams teve em sua vida e a repercussão que sua perda causou:

Que fazer, ó muçulmanos? Pois eu mesmo já não me reconheço. Não sou nem cristão, nem judeu, nem guebro, nem muçulmano; não sou do Oriente, nem do Ocidente, nem da terra, nem do mar, não provenho da natureza, nem dos céus em sua revolução. Não sou da terra, de água, de ar nem de fogo; não sou do empíreo, nem da poeira; nem da existência nem do ser; não sou da Índia, nem da China, nem da Bulgária, nem de Saqsin, não sou do reino do Iraque nem do país de Khorassan.

Eu não sou deste mundo, nem do outro, nem do paraíso, nem do inferno, não sou de Adão, nem de Eva, nem do éden, nem de *rizwan*.

Meu lugar é estar sem lugar, meu sinal, não ter sinal; não sou o corpo nem a alma, pois pertencço à alma do Bem-Amado.

Renunciei à dualidade, vi que os dois mundos são um. A Um só busco, Um só sei, a Um só vejo, a Um só chamo.

Ele e o Primeiro, Ele é o Último, Ele é o Manifesto. Ele é o Oculto; não conheço a nenhum outro que não “ó Ele” – *ya hu* – e “ó Ele que é!” – *ya man hu*.

Estou embriagado pela taça do amor, não tenho o que fazer com os dois mundos; não tenho outro fim além da embriaguez e do êxtase.

Se passei um único instante de minha vida sem ti, de tal momento e de tal hora me arrependo.

Se obtenho neste mundo um único momento contigo, calcarei os pés sobre os dois mundos, dançarei triunfante para sempre.

Ó Shams de Tabrîz! Estou tão inebriado neste mundo que não conheço nada além de embriaguez e arrebatamento.⁴

E sobre o *Sama*⁵, ele mesmo escreveu em forma de poema, como compartilha Camargo (2002, p. 42):

*O Sama é a paz para a alma dos vivos,
aquele que o sabe possui a paz na alma.
Aquele que deseja que o despertem,
é o que dormia no seio do jardim.
Mas para aquele que dorme na prisão,
ser despertado é somente um pesar.*

⁴ Makam, *Le Soufisme, L'Originel*, Paris, 1980, *apud* WEIL, Pierre. *Antologia do Êxtase*. São Paulo: Palas Athena, 1992.

⁵ *Sama* ou *Semâ* é o termo se refere tanto à dança dos dervixes como ao ritual onde a mesma ocorre, dependendo do contexto e da utilização dos termos por cada autor. Opto por empregar a palavra *Sama* referindo-me ao ritual como um todo, uma vez que uso a expressão Giro sufi para especificar a dança.

*Assiste ao Sama quando se celebra um banquete,
 não no momento de um luto, num lugar de lamentação.
 Aquele aos olhos de quem está escondida essa beleza
 semelhante à lua,
 uma tal pessoa, que deve fazer do Sama e do pandeiro?
 O Sama é feito para a união com o Bem-Amado.*

Faz-se importante observarmos a última frase do poema, onde Rumi utiliza o termo “Bem-Amado”. Encontramos nessa expressão o modo peculiar que norteia a visão do sufi sobre o Divino e também sobre o homem, que quando encontra a manifestação do Divino em si mesmo, torna-se o próprio Bem-Amado, como é o caso de Shams para Rumi. Existe claramente nessa relação de afeto, o amor como o grande elo que transforma uma relação mundana em uma troca harmônica e incondicional.

Rumi, segundo Idries Shah (1977), transpôs as limitações da consciência comum. Ele conseguiu ver as coisas como elas realmente são e compreender a afinidade e unidade de coisas aparentemente diversas, perceber o papel do homem, e especialmente do sufi. Diz ele: “Isso é algo muito mais avançado do que o que se costuma chamar de misticismo” (SHAH, 1977, p. 53). Através dessa sensibilidade e percepção aguçadas, Rumi foi um mestre a todos que um dia o puderam conhecer. Falava de forma simples, para qualquer indivíduo, independente das práticas que fazia ou as escolhas que seguia. Seu grande objetivo enquanto mestre foi o de construir estratégias e métodos que facilitassem o despertar das capacidades inerentes dos homens. Dessa maneira, possuía um olhar atento às especificidades das comunidades que passava, tentando proporcionar práticas que auxiliassem a preparação de tais pessoas para os ensinamentos acerca do amor e da harmonia com a existência.

O mestre sufi Jalaluddin Rumi foi, portanto, um dos mestres mais notáveis na história do Sufismo, pois tornou seus conhecimentos acessíveis a muitas pessoas, e, além disso, através de seus poemas e vivências diversas, criou possibilidades ao homem de aprender pela prática e experiência expressivas. Segundo o mestre sufi Hazrat Inayat Khan, o trabalho de Rumi é tão grande que quem o leu e assimilou aprendeu toda a filosofia nele contida. Seus poemas, até hoje, são cantados nas assembleias sagradas dos sufis como parte de sua devoção.

2. SAMA, O RITUAL

Sama é a célebre dança giratória dos dervixes da Ordem *Mevlevi*. Significa propriamente "audição" e designa um dos nomes ou atributos de Deus revelados no Alcorão (**Ya-Samí**, aquele que tudo ouve). A dança é descrita como resposta do *dervixe* ao chamado divino. (CAMARGO, 2002, p. 49)

Embora meu olhar neste trabalho esteja voltado para a dança giratória criada por Rumi e reproduzida posteriormente pelos sufis da Ordem *Mevlevi*, ela existe dentro de um contexto ritualístico específico e indispensável no caminho místico e de sabedoria proposto pelo Sufismo. Segundo Camargo (2002), a cerimônia do *Sama* pode ser definida como um "rito de passagem", ou seja, uma sequência organizada de etapas de um ciclo que se deseja marcar, revelar, controlar e libertar. Portanto, o *Sama*, também chamado de *Mukabele*, é uma cerimônia estruturada, que contém gestos e atitudes estabelecidas e que devem ser cuidadosamente vivenciadas a fim de conduzir o praticante ao estado extático e conectado que almeja. O rito pode ser compreendido nos seguintes momentos ou estágios:

O primeiro é uma espécie de preparação, introdução ou aquecimento. Faz-se, inicialmente, o *Nat-i Serif* ou *Nat-i Mevlana* – louvor a Maomé ou a *Mevlana* (Rumi) através de um poema recitado pelo *hafiz* (nome referente àquele que é protetor do Alcorão, àquele que conhece todo o Alcorão em memória). Os *dervixes* giradores, nesse momento, estão parados em estado de meditação. Em seguida, inicia a *Neytaksim*, improvisação da flauta *ney* (flauta de bambu ou cana), onde um intérprete exprime sua habilidade, criatividade e conhecimentos acerca do instrumento e seu trajeto melódico. Enquanto isso, os *dervixes* permanecem sentados sobre os calcanhares, em silêncio e estáticos, ouvindo o som da flauta. Já no último momento de preparação para a dança, quando o *kudum* (tradicional tambor duplo *Mevlevi*) começa a tocar, os *dervixes* executam 3 caminhadas em círculo, no sentido anti-horário, saudando-se sempre que cruzarem pelo tapete do *Skeik* (mestre ou guia espiritual que conduz o ritual). O tapete representa uma travessia, uma fronteira, e ao passar pelo tapete, o *dervixe* deve voltar-se àquele que está atrás de si e cumprimentá-lo antes de seguir a caminhada. Essa mesma dinâmica acontece 3 vezes seguidas.

O segundo momento da cerimônia refere-se aos *selâm* ou saudações, que são os giros. São quatro ciclos de giros, que iniciam e cessam de acordo com as

melodias. Todos os *derwixes* iniciam e finalizam os giros na posição do *alif* (o número 1) – com os braços cruzados a frente do corpo, com as mãos sobre os ombros –, que simboliza a unidade de Deus. Ao longo do giro, cada qual em seu tempo, abre lenta e controladamente os braços, voltando a palma da mão direita para o céu e a palma da mão esquerda para a terra. A duração de cada saudação é variada, onde “[...] em cada um dos quatro *selâm* que se seguem, [os *derwixes*] progredem de um grau em direção ao conhecimento e à aproximação de Deus.” (WOSIEN, M., 2002, p. 77). Em determinado momento da última saudação, ocorre novamente o improviso da flauta *ney*, e os *derwixes* rodopiantes continuam girando, acompanhando o improviso até que o último momento do ritual inicie.

A cerimônia do *Sama* é finalizada com uma recitação do Alcorão, feita pelo *hafiz*, onde logo na primeira sentença os *derwixes* param de girar. A oração é longa e oportuniza aos dançarinos retornarem de seus êxtases. Assim, o rito termina do mesmo modo que começou, com recitações em árabes de textos considerados sagrados para o sufis.

É interessante prestarmos atenção no quanto artística é uma cerimônia do *Sama*. Encontramos poesia, música e dança compartilhando e produzindo um mesmo momento, em prol de um objetivo comum. Porém, essa prática é uma dentre tantas outras feitas pelos *derwixes* ao longo da história, sendo eles de qualquer Ordem e parte do mundo. Mas, por alguma razão, esse ritual em específico, chama atenção, inclusive dentro do próprio Sufismo, onde os sufis *Mevlevi* receberam seus apelidos de *Derwixes* Rodopiantes, Giradores ou ainda Dançarinos.

O ritual do *Sama*, portanto, é uma das vivências do Sufismo que visa a ascensão do homem à algo maior, perfeito e harmônico. Sua organização estrutural permite que o indivíduo se prepare, passo a passo, para sua libertação e, conseqüentemente, encontro com o Divino dentro de si. Como observa Maria-Gabriele Wosien (2002), durante o *Sama* os *derwixes* percorrem a via da intuição, da excitação e do movimento interior, passam pelo êxtase e pela dedicação, chegando à dissolução, depois gradualmente descem de novo e por fim saem para retornar à criação, para ‘estar no mundo mas não ser do mundo’, na silenciosa consciência do mistério de manifestação que experimentaram.

3.1. A DANÇA, O GIRO

*Vem!
 Ouve a música do Sama.
 Vem unir-se ao som dos tambores!
 Aqui celebramos:
 Somo todos Al-Hallaj dizendo: "Eu sou a Verdade!"
 Em êxtase estamos.
 Embriagados, sim, mas de um vinho
 que não se colhe na videira;
 O que quer que pensem de nós
 em nada parecerá ao que somos.
 Giramos e giramos em êxtase.
 Esta é a noite de Sama
 Há luz agora.
 Luz! Luz!*

*Eis o amor verdadeiro
 que diz à mente: adeus.
 Este é o dia do adeus.
 Adeus! Adeus!*

*Todo o coração que arde
 nesta noite
 é amigo da música.
 Ardendo por teus lábios
 meu coração transborda de minha boca.
 Silêncio!
 És feito de pensamento, afeto e paixão.
 O que resta é nada
 além de carne e ossos.
 Por que nos falam
 de templo de oração,
 de atos piedosos?
 Somos o caçador e a caça,
 outono e primavera,
 noite e dia,
 o Visível e o Invisível.*

*Somos o tesouro do espírito.
 Somos a alma do mundo,
 livres do peso que vergasta o corpo.
 Prisioneiros não somos
 do tempo nem do espaço,
 nem mesmo da terra que pisamos.
 No amor fomos gerados.
 No amor nascemos.⁶*

A parte central do *Sama*, a do movimento giratório, é, na verdade, uma forma de meditação dinâmica⁷, um modo de encontrar o estado de atenção, presença e

⁶ RUMI, J. Poemas Místicos. Divan de Shams de Tabriz, *apud* CAMARGO, Giselle Guilhon Antunes. SAMA: a etnografia de uma Dança Sufi. Florianópolis: Editora Mosaico, 2002.

disponibilidade sensorial através da ação repetida e constante dos giros. “É um estado de transe e alerta, quando somos capazes de perceber nossa própria voz interior, apurando nossa percepção intuitiva”. (CAMARGO, 2002, p. 22) Encontramos, curiosamente, essa dinâmica de giros em culturas diferentes, observando que umbandistas giram e xamãs em transe também giram, onde “[...] a busca de um estado de êxtase tem por propósitos a identificação com as forças da natureza, a comunicação com os deuses e a obtenção de poderes sobre-humanos”. (DANTAS, 1999, p. 20).

No caso do Giro sufi, segundo Camargo (2002, p. 22):

Rumi criou o *Sama* dentro de um modelo análogo a um sistema solar em miniatura: como planetas que giram ao redor de si mesmos e do sol, os *dervixes* giram ao redor de seu próprio centro, simbolizado pelo coração, e ao redor de um centro projetado no ambiente, ocupado pelo mestre da cerimônia, que simboliza o sol.

Sendo assim, a técnica de movimento do Giro sufi está atrelada a simbolismos baseados na experiência de unidade do homem com o que existe ao seu redor. A maneira como se gira, por sua vez, deve ser aprendida minuciosamente, a fim de realmente exercer sobre o corpo a possibilidade de transbordar na sensação de êxtase. A posição corporal no Giro sufi, então, ocorre da seguinte forma, como descreve Camargo (2002, p. 111):

Os *dervixes* giradores se movem como se fossem eixos do mundo: o peso do corpo submetido ao pé esquerdo, a cabeça inclinada para a direita, os olhos entre abertos, parecendo focar o polegar da mão esquerda, os braços relaxadamente esticados. As saias brancas se inflam durante o movimento, parecendo estender-se por uma força centrífuga.

Segundo os *Mevlevi*, os braços abertos ao lado do corpo (aproximadamente na linha dos ombros) simbolizam o homem como uma ponte entre o céu e a terra. A palma da mão direita direciona-se para o céu, recebendo as bênçãos e graças de Deus que, por serem universais e para todos, são distribuídas quando entregues à terra pela palma da mão esquerda.

⁷ Um tipo de meditação que enfatiza a ação ativa e catártica do indivíduo, através de movimentos do corpo (respiração, sons, etc), como um método para encontrar seu centro e sua unidade.

O primeiro aprendizado de um noviço em relação ao ritual do *Sama* se dá justamente no entendimento e execução do giro, antes mesmo de acontecer a iniciação. Para isso, “experimenta-o muitas vezes, até que consiga instaurar um claro ritmo alternado entre abrir e fechar, dar e receber, descer e subir, ou melhor, uma espiral que vai para cima e para baixo ao longo central do corpo”. (WOSIEN, M., 2002, p. 71-72) Como auxílio inicial, utiliza-se individualmente um painel de madeira, com um pino no centro, onde o pé esquerdo deve ser encaixado entre o polegar e o indicador. O pé direito é que inicia o giro, atravessando à frente do pé esquerdo, gerando um movimento de giro anti-horário com o corpo.

Durante o ritual, nos quatro *selâm* (fases da dança), os praticantes do *Sama* giram tanto em torno de si mesmos assim como trilham um caminho próprio no ambiente. O mestre da cerimônia fica atento para que ninguém se perturbe e que todos mantenham distância, exceto no último *selâm*, onde o giro acontece no lugar, sem deslocamento. Além disso, enquanto giram, devem repetir para si mesmos o *zikr*⁸: *Allah, Allah!*

Os quatro momentos da dança dos giros se referem ao caminho sáfico de aperfeiçoamento de si, através de 4 viagens interiores, percorridas do primeiro ao último *selâm*. De acordo com Maria-Gabriele Wosien (2002), uma indica a passagem pela religião institucional exterior, depois a sua superação, depois o encontro com a realidade face a face e finalmente o reencontro com si mesmo. Dessa maneira, cada uma das partes do Giro possuem simbologias específicas, que correspondem aos níveis de conscientização e iluminação, onde:

[...] praticando com constância e mantendo a orientação sobre o próprio centro interior, [o *dervixe* ou praticante do ritual] pode tornar-se guia espiritual para homens de qualquer credo, que por meio dele têm ocasião de se orientar. (WOSIEN, M., 2002, p. 79).

Portanto, na prática do Giro sufi é bastante importante a compreensão de cada etapa que se está atravessando, pois, ao ser iniciado, além de entender a técnica de movimento, o aprendiz precisa acolher as simbologias que abarcam a mesma, podendo, dessa maneira, realmente abrir sua consciência e percepção sobre o que acontece dentro de si e ao redor de si.

⁸ De acordo com CAMARGO (2002), a palavra *zikr* significa algo como frase-repetição de efeito meditativo. Uma espécie de mantra.

3. O CAMINHO METODOLÓGICO

A experiência é tal que mais se assemelha a um experimentar, do que a uma experiência. É um processo: começa, mas jamais termina. Tu entras nele, mas jamais o possuis. É como uma gota caindo no oceano, ou o próprio oceano caindo na gota. É uma fusão profunda, uma unidade: tu simplesmente te dissolves nela. (RAJNEESH, 1993, p. 12)

Assim como uma “gota caindo no oceano”, senti-me tantas vezes diante desta monografia. Uma sensação de ser silenciosa e misteriosamente conduzida e instigada, em um jogo curioso de criação com a vida; ora minhas escolhas se revelavam, conscientes e objetivas, ora escolhas simplesmente surgiam diante de mim, durante o período de busca pelas informações que desvendassem o tema de minha pesquisa. Fui, em consequência disso, aprendendo a estar atenta a cada manifestação do acaso, que me propunha, eventualmente, um novo olhar sobre o mesmo ponto e uma forma diferente de interagir com a informação que tinha em mãos.

Conforme meu objeto de pesquisa se revelou para mim, seja através da visão dos autores que trago para dialogar comigo, seja pelos traços que “saltaram aos olhos”, dos quais pareciam ser essenciais ao refletir sobre o assunto proposto no trabalho, escolhi percorrer essa trajetória de estudo dentro de um espaço de observação e disponibilidade para com os trajetos que apareceram durante o processo. Isso inclui tanto o delineamento dos pontos principais do tema, como pelo modo de chegar até eles. Portanto:

Embora pareça uma construção linear, na verdade não se constituiu assim, pois foram diversas as idas e vindas, num processo recursivo e retroativo que proporcionou, a cada trecho do caminho, paradas reflexivas e cada vez que retornava a um ponto, já o fazia com um olhar distinto. (UMANN, 2007, p. 18)

Transitando por este caminho cheio de possibilidades e renovação constante dos pontos de vista, busquei, então, não me apegar a um único modo de caminhar, assim como experimentei diferentes ritmos para essa caminhada, tentando somente, antes de qualquer coisa, permanecer no caminho – meu grande eixo e ordem durante o percurso.

Cada passo me oportunizou novos rumos às minhas leituras e escritos, em direção à melhor fruição possível das descobertas que surgiam. Consequentemente,

ao invés de me deter a um método e segui-lo como base para meu fazer metodológico, fui inspirada por diferentes modos de construir pesquisas, revelados durante meu caminho e acordados às demandas que o tema me apresentava dia após dia. Apresento a seguir, os métodos que me auxiliaram no desenvolvimento deste trabalho.

4.1. O PERCURSO QUE CONSTRUI

Abordagem autobiográfica

Peço desculpa por me expor assim, diante de vós; mas considero que é mais útil contar aquilo que vivemos do que estimular um conhecimento independente da pessoa e uma observação sem observador. Na verdade, não há nenhuma teoria que não seja um fragmento, cuidadosamente preparado, de uma qualquer autobiografia. (VALÉRY *apud* JOSSO, 2004, p. 14)

O primeiro momento que vivenciei na construção desta monografia foi do resgate de sensações e observações pessoais, a fim de trazer à tona os vestígios que ficaram da minha experiência no Giro sufi, ocorrida há alguns anos. Isso porque foi justamente essa experiência que me instigou a desenvolver a pesquisa sobre o tema.

Quando participei do retiro espiritual no qual fui iniciada no Giro, tive oportunidade de encontrar um estado de tranquilidade e clareza nunca antes sentido, que me tocou profundamente e desestruturou a noção que tinha de mim mesma e da minha relação com o que me cercava. Dessa maneira, pareceu essencial tornar “viva” a memória daquela vivência, tanto em relação aos fatos e acontecimentos, como pelas transformações que a mesma proporcionou na minha vida. Acredito que todas as experiências são geradoras de mudanças, mesmo que pequenas ou inconscientes, portanto, participar do Giro sufi foi certamente de grande importância, ao ponto que sua repercussão instaurou reflexões permanentes em mim como indivíduo e, conseqüentemente, na condição de uma iniciante pesquisadora como me proponho a ser nesse momento. Assim, o primeiro passo dessa pesquisa, e o que posteriormente passou a fazer parte de todo o processo, foi o de desenvolver um relato autobiográfico, com foco em minha vivência no Giro sufi, que pudesse servir de suporte para minhas escolhas no trabalho, e que, ao mesmo

tempo, estivesse guiando a trajetória da construção dos conhecimentos. Cuidando, entretanto, para não limitar o tema sobre o meu olhar; ao contrário disso, procuro simplesmente compartilhar uma parte de mim mesma, como sendo um pouco da própria experiência no Giro. Assim, acordo com Morin, quando ele expõe:

Também sei que é muito difícil evitar o egocentrismo intelectual, que consiste em considerar e julgar todas as coisas, posicionando-se naturalmente no centro do mundo. [...] Mas pelo menos é necessário que eu me esforce em me desdobrar como observador-observado. (MORIN, 2003, p. 10)

Fiz, portanto, com que o meu ponto de vista a respeito do tema, em grande parte adquirido através da experiência vivida, tivesse um papel tão fundamental quanto os demais olhares (dos autores utilizados ou mesmo do leitor), dando consistência aos meus escritos e ao meu posicionamento perante o assunto pesquisado. Segundo observa Josso (2007, p. 420):

Abordar o conhecimento de si mesmo pelo viés das transformações do ser – sujeito vivente e conhecente no tempo de uma vida, através das atividades, dos contextos de vida, dos encontros, acontecimentos de sua vida pessoal e social e das situações que ele considera formadoras e muitas vezes fundadoras, é conceber a construção da identidade, ponta do *iceberg* da existencialidade, como um conjunto complexo de componentes. De um lado, como uma trajetória que é feita na colocação em tensão entre heranças sucessivas e novas construções e, de outro lado, feita igualmente do posicionamento em relação dialética da aquisição de conhecimentos, de saber-fazer, de saber-pensar, de saber-ser em relação com o outro, de estratégias, de valores e de comportamentos com os novos conhecimentos, novas competências, novo saber-fazer, novos comportamentos, novos valores que são visados através do percurso educativo escolhido.

Desse modo, minha inspiração autobiográfica conduz esta pesquisa, mesmo que nem sempre de maneira explícita, visando tanto instigar uma (auto) observação e um reposicionamento de ideias constante e atualizado, como uma proposta de trazer personalidade na escrita, uma vez que:

[...] o trabalho biográfico e autobiográfico situa-se no entrelaçamento de um destino sociologicamente, culturalmente e historicamente previsível, de uma memória personalizada desse destino potencial e de um imaginário sensível original capaz de seduzir, de tocar emocionalmente, de falar, de interpelar outras

consciências ou ainda de convencer racionalmente. (JOSSO, 2007, p. 433)

Portanto, a reflexão autobiográfica é um meio de garantir a autenticidade e identidade na formação pessoal do indivíduo, trazendo consigo a apropriação do conhecimento adquirido e a possibilidade de entrelaçamento dele com um novo saber.

Desdobramento do tema

Depois de observados os registros e relatos provindos da experiência no Giro sufi, parti para o momento de delineamento do tema; ou seja, o que exatamente eu iria abordar no trabalho. De imediato, percebi o quanto carente eu estava de conhecimento consistente sobre o assunto, e precisava desvendá-lo antes de traçar qualquer discussão ou relação com o ensino, que era minha grande intenção e desafio. Assim, a partir desse momento, meu processo tomou forma de pesquisa exploratória, onde, segundo Rodrigues (2007, p. 28), “é uma pesquisa cuja finalidade é descortinar o tema, reunir informações gerais a respeito do objeto. [...] destina-se a esclarecer do que se trata, a reconhecer a natureza do fenômeno, a situá-lo no tempo e no espaço”. Isso porque meu contato com o Giro sufi se resumia à experiência que tive, portanto, eu necessitava de um apanhado teórico para dissertar sobre esse tema e apresentá-lo nesta monografia. Dessa maneira, a abordagem de pesquisa exploratória acorda com meu grande objetivo no trabalho, pela intenção de aproximar e reconhecer o objeto de pesquisa (o Giro sufi), introduzindo-o e relacionando-o com os conhecimentos que adquiri ao longo de minha formação como futura licenciada em dança.

Revisão de literatura

Fiz uso de documentação indireta, através da técnica de pesquisa bibliográfica, onde procurei livros e artigos disponíveis ao meu alcance, que me colocassem a par dos aspectos que envolviam a prática do Giro. Segundo Lakatos e Marconi (2010, p. 166):

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo [...]. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito.

Através desta escolha em revisão bibliográfica, consciente e imprescindível em dado momento para o trabalho, facilitei o processo de “dar forma” ao meu estudo e, conseqüentemente, aos escritos e conhecimentos mais precisos e estruturados. Uma vez que, de acordo com Lima e Miotto (2007, p. 40):

A pesquisa bibliográfica tem sido utilizada com grande frequência em estudos exploratórios ou descritivos, casos em que o objeto de estudo proposto é pouco estudado, tornando difícil a formulação de hipóteses precisas e operacionalizáveis. A sua indicação para esses estudos relaciona-se ao fato de a aproximação com o objeto ser dada a partir de fontes bibliográficas.

A partir disso, fui construindo os pontos que entendi como essenciais para essa revisão histórica que me propus a desenvolver. Esses pontos, organizados em tópicos posteriormente, foram guiando a própria continuidade da busca bibliográfica e sintetizando minhas escolhas a respeito do que realmente eu gostaria de expor sobre o tema. Quando criei maior apropriação dessas referências teóricas, decidi desafiar-me a propiciar um novo enfoque para o estudo do tema, que acordasse com os conhecimentos do meu curso, em especial no que diz respeito à ação educativa.

O trabalho, portanto, se organizou em três momentos coexistentes: o primeiro do breve relato da experiência, o segundo pela introdução histórica e contextual do tema, e o último das discussões sobre a relevância de conhecer o assunto dentro de um viés pedagógico.

4. MEU GIRO

“De repente, meu nome perdeu totalmente o sentido... Assim como o que eu faço, o que penso sobre as coisas, minhas buscas! [...] eu sinto um pulso constante bem no centro do meu peito!!! É como se ali fosse uma estrada, onde tudo passa, se encaminha... continua sem fim. [...] tem sensações que eu nem fazia ideia que podiam existir!”

Sempre levo comigo um caderno de anotações, quando já prevejo que vivenciarei algo diferente de tudo antes visto e que, provavelmente, vai transformar um pouco de quem sou. Isso inclui cursos de dança com pessoas especiais ou mesmo com abordagens peculiares, palestras sobre qualquer assunto que me interesse muito e que não pesquisei ainda, ou, como no caso dos escritos compartilhados acima, experiências em momentos que visam o clarear e o ampliar da consciência.

Ao transcrever esse pequeno trecho de meu caderno de anotações, tentei ser fiel aos breves relatos que fiz um dia depois de finalizada minha iniciação no Giro sufi. Assim como fica claro o quanto vaga resultou minha expressão escrita das sensações que passavam por mim naquela situação, também vaga é minha lembrança do ritual que presenciei. Ficaram guardadas em memória algumas imagens, sons e a presença de outros... Mas certamente o que permanece com mais intensidade é o movimento dinâmico das diversas sensações que tive durante o processo, até o encontro com a calma que surgiu repentina e espaçosamente em todo meu corpo e que levei comigo nos dias e meses que se passaram à vivência. Na verdade, de outros tantos rituais que já tive oportunidade de participar, o Giro sufi foi um dos que mais me desestruturou no tempo que se prosseguiu; visivelmente construtor de uma nova perspectiva acerca do meu modo de estar no mundo.

Eu imaginava que seria um simples ritual, de algumas horas ou talvez nem isso, de dança, música e meditação. Era uma época de minha vida em que eu participava de qualquer evento que tivesse envolto nas questões acerca de espiritualidade, meditação, consciência ou iluminação. Estava começando a compreender o mundo por outro viés que ainda não sabia ou entendia qual era, porém minhas identificações com a competição e exaustão repetitiva e vazia que observava em minha profissão e, conseqüentemente, em meu modo de viver as situações de todos os dias, estavam se esvaindo cada vez mais. Anseios para uma

mudança radical começaram a crescer dentro de mim e geravam vontades espontâneas e impulsivas de viver algo novo, desconhecido.

Aquilo que não passava de uma expectativa de meditar e conhecer a si mesmo com a condução de mestre ou facilitador, transformou-se em três dias de um processo de aprendizagem diferente do que já tinha visto antes. Desde o momento de minha chegada no local do retiro, percebi subitamente um silêncio cuidadoso que abraçava aquele ambiente, e me abraçou também. Já na primeira hora que estava por lá, observei uma densidade que foi tomando conta de mim e me deixando mais quieta e atenta; e nada ainda do programado para o evento tinha acontecido.

Nos três dias que se seguiram fomos, pouco a pouco, apresentados ao Giro *sufi* e o ritual no qual ele está imerso. Claramente, ficou expressa a importância de compreender a técnica que envolvia a ação de girar por vários minutos, além dos momentos essenciais que compunham a iniciação àquela prática.

No primeiro dia, não giramos, embora o grupo todo parecia se sentir preparado pra isso. Simplesmente aprendemos a posição inicial do corpo no ritual, o que chamamos de casulo: os braços ficam cruzados sobre o peito, com as mãos nos ombros; cabeça inclinada para a direita, direcionando o rosto à esquerda; e o dedão do pé direito sobre o dedão do esquerdo. O curioso foi que, antes de permanecermos um tempo na posição do casulo, compreendendo pessoal e corporalmente como ela funcionava e o que significava, ao entrarmos na sala fizemos o gesto que parecia reverência à Meca, onde ajoelhamos e sentamos sobre os calcanhares, deitando o tronco sobre as pernas e encostando a testa no chão; e cantamos também, em seguida, algo como um mantra que significava “lembança de Deus”. Talvez curioso só a mim, que não sabia exatamente o que estava por experimentar. Nunca antes havia me movimentado com aquelas simbologias e fiquei até desconfiada da situação toda.

No segundo dia, aprendemos a girar, ainda na posição de casulo. Percebi que algumas pessoas já haviam feito aquilo antes, pois giravam com uma fluidez embriagante. Para nós, novatos, parecia impossível não ficar tonto e se atirar no chão em desespero e angústia corporal pela estabilidade. A fim de facilitar nosso entendimento sobre o eixo do corpo e girar com precisão ao redor dele, utilizamos um painel de madeira com um pino no centro, onde neste foi derramado sal e devíamos encaixar o vão entre o dedão e os outros dedos do pé esquerdo. A perna direita deveria erguer-se e cruzar à frente da esquerda, impulsionando o giro. A

respiração também passou a integrar-se ao movimento, coordenada com as voltas. Ficamos alguns minutos girando no pino, o que pra mim pareceu horas, tamanha foi minha dificuldade. Pouco era dito ou explicado, tínhamos mesmo é que vivenciar intensamente aquela estranha situação corporal. Lembro-me de me sentir muito mal por alguns instantes, como se meus órgãos estivessem deslocados, e o mestre que estava nos conduzindo e ensinando falava-nos sobre disciplina, sobre engajamento, propósito. Insisti ao máximo. Aos poucos, os órgãos que pareciam deslocados agora estavam estranhamente suspensos, flutuando; ao menos esta era minha sensação. Um estado de leveza foi tomando conta de mim, como se o peso do meu corpo deixasse de existir. Mas, em contrapartida, meus pensamentos ainda aterravam demais o meu ser, buscando compreender racionalmente que vivência era aquela tão diferente de tudo que eu imaginava.

O terceiro dia era o de sair do casulo, “virar borboleta” simbolicamente. A grande libertação; deixar-se levar. Fizemos então o ritual completo, com as saias longas e rodadas que cada um foi indicado a levar para o retiro. Fomos instruídos sobre o comportamento adequado e o que ele significava – cada gesto e olhar compunham o momento. Lembro-me que houveram caminhadas, reverências, falas ou cantos, músicas desconhecidas aos meus ouvidos e muito giro; mas a ordem de tudo, assim como os detalhes, me passam batidos. O importante mesmo foi que consegui girar como nunca antes girei. No momento de abrir os braços (ou as asas da borboleta), fui envolto por um fluxo incrível ao ponto que senti todo meu mal estar corporal desaparecer! O Giro acontecia sozinho, não existia mais nenhum esforço da minha parte, nenhuma dificuldade. Meu corpo flutuava, sem chão e sem teto, sem órgãos, sem questionamentos. A sensação de vazio era extremamente agradável, e surgiu de repente, depois das repetições dos giros. Era maravilhoso e estranho ao mesmo tempo! Não conseguia compreender nada e, em dado momento, desisti de tentar entender.

Na última parte do ritual, onde deitamos com a barriga virada para a terra, já não sabia o que estava fazendo ali. Não sabia também que corpo era aquele deitado, o que acontecera com ele e se um dia sairia dali, mas estar dentro dele me bastava. E tudo mais bastava, todo aquele momento poderia existir eternamente que eu contente ficaria ali, entregue ao chão.

Quando retornei do retiro, demorei dias para sentir novamente a comida passando pelo meu canal digestivo, assim como me entender em meio aos afazeres

e compromissos que tinha. Sentia-me estranha fazendo todas as coisas que antes fazia, como se não tivesse mais controle ou apropriação dos objetos ou atitudes que me cercavam. Não conseguia falar de maneira considerada coerente, significativa; aliás, pouco falei nos dias que seguiram. Ouvir passou a ser mais agradável, assim como observar. Era realmente estranho, pois não me sentia cansada ou desanimada, mas tinha vontade de fazer tudo lentamente, sem gastar muito energia. Difícil de explicar, assim como acredito que não foi fácil pra quem estava ao meu redor compreender. Fiquei vivendo por um tempo com a sensação de ser uma travessia do que circulava no ambiente; sem muita atitude rápida e pronta, sem necessidade de controlar e manipular os acontecimentos dos meus dias. Entretanto, aos poucos, as demandas do ambiente me confundiram, e fui me sentindo pressionada a retomar meu estado anterior à vivência do Giro. Como se precisasse agir e ser eficaz dentro do que o contexto me pedia. Mas, felizmente, não consegui ignorar toda a sensação que pairava sobre de mim, de tranquilidade e não identificação. Em consequência disso, busquei observar o que me incomodava, que ia contra o que estava sentindo, tentando encontrar um equilíbrio entre todos os fatores da minha vida. Venho, desde então, descobrindo como viver assim.

5. INICIAÇÃO E APRENDIZAGEM

Como vimos ao longo dos capítulos anteriores, o ritual do *Sama* acontece dentro de um contexto de crenças e atitudes diante à vida e à existência. Parece não bastar apenas a aprendizagem da mecânica e dinâmica da cerimônia, se a motivação para a vivência não for vinculada diretamente ao significado amplo que uma prática mística possui, como é o caso do *Sama*. Esse envolvimento necessário do aprendiz em relação às suas intenções com a experiência é o que torna a iniciação no Giro tão interessante de ser observada. Dessa maneira, acredito que o momento de aprendizagem e integração com o saber sufi pode ser construtor de questões essenciais para o ensino de hoje.

Se olharmos ao nosso redor, para o andamento dos nossos dias e a criação constante de desejos e anseios, é possível notarmos o modo repetitivo que conduz nossas ações, pensamentos e respostas aos estímulos que nos cercam. Todos os dias, nas mais diversas situações, tendemos a acessar uma maneira automática de intervir e reagir aos momentos, tornando-nos carentes de espontaneidade e de uma atitude engajada no presente, no que de fato acontece dentro de cada um no instante que vive. Consequentemente, parece ser esse mecanismo de repetição e automatismo gerador de ansiedade e insatisfação no ser humano, uma vez que o restringe dentro de si mesmo, em um modo de ser pronto e concluído, desconectado com o todo. Como expõe Krishnamurti (1973, p. 90):

Observa-se, em todo o mundo, um declínio, uma deteriorização geral. Tecnicamente, pode estar havendo um progresso tremendo: cérebros eletrônicos, computadores, automação, viagens à Lua etc. Há, também, o chamado progresso científico. E o homem vem dependendo da ciência, da política, das chamadas religiões, das crenças organizadas etc., para resolver seus numerosos problemas. Permanece ele mais ou menos o que era há mais de 2 milhões de anos: atormentado, infeliz, em conflito, em confusão; vive ainda num estado de desespero, de ansiedade, de sentimento de culpa, sem dar nenhum significado à existência, ou dando-lhes significado conforme seu temperamento, seus conhecimentos, seu desespero, etc. Em verdade, o homem – os entes humanos, vós e eu – não mudou essencialmente; continua a ser ávido, invejoso, confuso, aflito, e sempre em guerra.

Esse modo desconectado e restrito de viver no mundo, torna o ser humano limitado em padrões prontos, estabelecidos pelo jogo da construção individual e social do indivíduo, que o impede de usufruir plenamente de suas potencialidades.

Esclarece Bernhard Wosien (2000, p. 64):

Como contemporâneos de uma sociedade altamente apurada de um assim chamado sistema educacional científico, sofremos todos de uma divisão interior, da perda da unidade. Espírito-corpo-alma não vibram mais conjuntamente. Entre razão e consciência existe um desequilíbrio perigoso. Em alto grau nós transferimos nossas capacidades humanas às próteses de nossos espíritos, às máquinas. O pressionar de um botão é suficiente!

Entretanto, considero necessário relevar as crescentes mudanças sociais ocorridas nos últimos tempos, onde o homem busca, cada vez mais, compreender seu papel no mundo, construindo caminhos e estratégias para facilitar esse entendimento. Chegamos a uma etapa com urgência de mudanças, uma vez que parecemos caminhar, a cada dia, em direção a conflitos sem controle, geradores de uma desordem intensa. Como coloca Weil (1992, p. 14):

Assinalemos, em primeiro lugar, o mal estar da humanidade perante a perspectiva de sua própria destruição; diante dessa angústia, é cada vez maior o número de pessoas que fazem, a si próprias, as perguntas fundamentais sobre o sentido da existência e o lugar do homem no cosmos.

Em consequência disso:

Ao longo das últimas décadas que precede o final do século XX, podemos notar um interesse crescente, tanto por parte dos cientistas – mais particularmente os psicólogos e antropólogos – quanto das pessoas em geral por um tipo de experiência humana classificada nos termos mais diversos, como por exemplo: êxtase místico, iluminação, nirvana, *samádi*, *satori*, reino dos céus, reino do Pai, sétimo céu, *debekut*, experiência transcendental, consciência cósmica” (WEIL, 1992, p. 14)

O ser humano se assemelha, dessa maneira, a um buscador ou a um aprendiz constante, da vida e das experiências. Portanto, estará mais sujeito a obter oportunidades que o impulsionem à sabedoria completa, ao olhar ampliado sobre tudo. E são justamente as mais variadas formas de ensino que podem propiciar ao indivíduo o caminho para o autoconhecimento, que gera a libertação dos padrões preestabelecidos. Segundo Oliveira (2001), a observação de si mesmo é vista como

o meio de ultrapassar e romper seu condicionamento, a sua mecanicidade, este estado hipnótico que o prende a uma visão determinada de mundo. Baseada nisso, a intenção do ensino, sendo da prática ou conhecimento que for, visará envolver o aprendiz de autonomia e de estímulos que revelem a ele seu próprio eu e o caminho que precisa trilhar para a transformação de seu ser. O educador, ou mestre, nesse caso, não passa de uma ponte entre o que o indivíduo já sabe e o que ele ainda tem por conhecer; é uma espécie de facilitador, que cuida e conduz a experiência junto com o educando ou aprendiz. Assim, “é contando a si mesmo a própria história, que se pode aprender sobre si mesmo; a esperança aqui parece não ajudar muito, não é esperando algo no futuro, mas fazendo algo no presente, que o buscador trilha o caminho”. (OLIVEIRA, 2001, p. 10)

Na iniciação ao ritual do Giro sufi, cada instrução do mestre, sendo pelo comportamento que os participantes devem ter durante o processo, como quando apresenta as simbologias que envolvem os gestos e momentos da cerimônia, adquire claramente um caráter essencial para que a experiência extática realmente aconteça. Ou seja, se fosse somente necessário aprender a técnica de girar, assim como o “passo a passo” do ritual, a possibilidade de que os indivíduos envolvidos encontrassem o estado meditativo almejado, seria mais remota. Isso porque, para que ocorra a iniciação, existe uma condução cuidadosa feita pelo mestre, onde o iniciante recebe os ensinamentos profundos, compartilhado por todos, a fim de se disponibilizar a experiência, podendo assim vivê-la por completo.

Muitos ensinamentos espirituais têm durado séculos devido à sua verdade intrínseca – uma verdade que penetra na essência da alma. Esses ensinamentos nos tocam fundo quando os encontramos em nosso estado mental normal, mas, quando passamos períodos extensos em retiro silencioso – ou quando nos engajamos em outros exercícios espirituais sérios –, muitas vezes entramos em estados de consciência diferentes, e então essas verdades têm o poder de fragmentar e transformar vidas. (COOPER, 2006, p. 15)

Quando ocorre a iniciação, o iniciado vivencia o ritual de acordo com sua própria motivação para vivê-lo. Ou seja, uma vez que obteve as informações básicas para participar e entender o funcionamento do ritual, assim como sua simbologia, tem a liberdade de experimentar o que aquela situação gera dentro de si e como as sensações se manifestam e tomam conta do seu ser. O processo que acontece é único e especial para cada indivíduo. Não se espera nada em específico; nenhuma

atitude que deva ser expressada, ou mesmo um estado similar aos que estão participando da vivência. Acredito que o mais importante para o desfrute da iniciação seja a entrega, onde o iniciado possa entregar-se para o movimento através da dança do Giro, encontrando o estado meditativo que, por si só, vai desencadear reflexões e transformações.

A dança tem a tarefa de acompanhar o ser humano no caminho iniciático e também na metamorfose do transe, necessária para encontrar o sagrado. O transe [...] é uma experiência difícil de se exprimir com palavras, pois é uma transformação interna, que pode ser manifestada apenas pelo movimento do corpo que se torna fluido. (BARBARA, 2002, p. 100)

A iniciação no Giro sufi é, portanto, uma experiência extática através do movimento, onde o estado de transe atingido propicia um aprendizado próprio do indivíduo acerca de si mesmo e, conseqüentemente, do que o cerca. De acordo com Dantas (1999, p. 20), “a etimologia da palavra extático indica sua origem grega: extático vem do grego *ekstatikós*, que faz mudar de lugar. Extático é um adjetivo, portanto expressa qualidade ou propriedade ou estado de ser”. Ou seja, através da vivência do êxtase, somos aproximados de nós mesmos, encontrando o ser mais íntimo e inteiro que nos constitui.

6.1. EDUCAÇÃO PARA O PRESENTE

Como observamos, o ensino sufi cria estratégias que buscam situar o ser humano dentro de uma visão integrada e completa de indivíduo, proporcionando-lhe autonomia para o entendimento de si mesmo e da existência que o abarca. Esse modo de construir o conhecimento, pautado na compreensão do todo e não somente de partes dele, pode ser considerado uma alternativa para a educação contemporânea, uma vez que, de acordo com Morin (2010, p. 16):

Devemos, pois, pensar o problema do ensino, considerando, por um lado, os efeitos cada vez mais graves da compartimentação dos saberes e da incapacidade de articulá-los, uns aos outros; por outro lado, considerando que a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida, e não atrofiada.

Essa “compartimentação dos saberes” diz respeito à divisão disciplinar do conhecimento, encontrada em nossas escolas e universidades, que se baseia na busca pela especialização ou o aprofundamento e apropriação de um saber. Dessa maneira, o ensino que chega até os indivíduos é fragmentado e voltado somente ao entendimento limitado a uma área de conhecimento. O educando fica restrito, então, a um aprendizado que nem sempre abarca seu contexto, dificultando a construção de um olhar que veja além da sala de aula, ou mesmo além de si mesmo. Isso porque:

[...] os conhecimentos fragmentados só servem para usos técnicos. Não conseguem conjugar-se para alimentar um pensamento capaz de considerar a situação humana no âmago da vida, na terra, no mundo, e de enfrentar os grandes desafios de nossa época. Não conseguimos integrar nossos conhecimentos para a condução de nossas vidas. (MORIN, 2010, p. 17)

Portanto, uma das formas de propiciar mudanças para nossa visão da educação de hoje, é justamente pelo desenvolvimento de uma atitude pedagógica que instigue a integralização dos conhecimentos. Ou seja, que apresente na formação do indivíduo uma possibilidade de compreensão ampliada sobre os saberes. O ensino, dessa maneira, transcende a organização disciplinar e oportuniza uma transformação nos modos de vida que levamos. Explicam Rocha Filho, Basso e Borges (2007, p. 57):

A ação educacional transdisciplinar, então, se orienta para a construção do ser completo, não somente para o treinamento de conteúdos na memória, não somente para o treinamento de técnicas, não somente para a ação mecânica, mas sim para o desenvolvimento da capacidade de pensar criativamente e eticamente, e de agir segundo esse pensar.

Em consequência disso, tanto os professores/mestres/educadores como os alunos/aprendizes são motivados a viver o momento educativo ativamente e envolvidos de uma postura participante, uma vez que o conhecimento deixa de ser pronto e previsível, e passa a ser construído em conjunto, tanto entre os envolvidos no processo, como pelo entrelaçamento de observações e sensações que surgem e são próprias da constituição do saber. Além disso, a cada ano que passa, novas informações e necessidades surgem com o avanço da humanidade, fazendo com que o sujeito precise se recolocar no tempo e no espaço presente, ampliando constantemente sua consciência e sabedoria. Portanto, “[...] o aprender está no agir.

Eis a beleza do aprender. Esse aprender torna-se uma alegria, um deleite e não uma coisa tediosa, uma coisa que tem de ser feita.” (KRISHNAMURTI, 1973, p. 107). O momento educativo, portanto, pode ser mais prazeroso, onde todos doam a si mesmos em prol de um conhecimento abrangente, compartilhado e harmônico com tudo que existe.

Por fim, compartilho com D’ambrosio (1997, p. 82), quando nos diz:

A única alternativa que resta é nos integrarmos nessa totalidade cósmica em várias etapas, começando pela nossa integração pessoal, como indivíduos. Mente e corpo, consciente e inconsciente, o material e o espiritual, nosso saber e fazer, enfim todas essas e outras dicotomias, com as quais nos habituamos a nos ver na nossa mais profunda intimidade, deverão ser superadas. [...] Somente através da redefinição do eu é que estaremos em condição de redefinir nossas relações com o outro. A partir de então estarão abertas as portas de um novo relacionamento com o diferente, com a natureza e com o cosmos na sua totalidade.

Para tanto, pergunto a mim mesma: o que exatamente precisamos aprender? O que realmente é importante na nossa formação, na condição de indivíduos que vivem em comunidades e estão conectados com uma organização maior de toda a existência? A resposta que encontro, por ora, é de que precisamos aprender a compreender. Tanto uns aos outros, como a nós mesmos. A compreender os nossos conflitos, as nossas dificuldades e as nossas alegrias mais puras. Compreender como nossas relações funcionam, como o planeta terra funciona, como os momentos acontecem. Ou, como conclui Morin (2000, p. 76), “é necessário aprender a ‘estar aqui’ no planeta. Aprender a estar aqui significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar.” Assim, aprenderemos também a ensinar, compartilhando nossa sabedoria e consciência.

7. CONSIDERAÇÕES

Talvez este seja o momento mais precioso e, ao mesmo tempo, difícil de todo meu processo. Passadas as ansiedades e angústias iniciais, assim como a excitação intensa que me acompanharam durante este caminho, percebo que ainda desconheço a dimensão que essa experiência de pesquisa tem sobre minha vida. Certamente, muito conhecimento foi adquirido, desde o que diz respeito à “como fazer um trabalho científico” até a apropriação dos conceitos e ideias que envolvem o tema pesquisado. Ainda assim, as grandes mudanças que ocorreram dentro de mim são, por ora, indescritíveis; vão, pouco a pouco, mesclar-se com todos os elementos que me constituem enquanto Ser. De qualquer forma, pude construir algumas reflexões importantes durante o processo, que, neste fim de ciclo, faz-se importante compartilhar.

Pela crescente necessidade humana de se (auto) reavaliar enquanto parte integrante de um todo, é que se constroem caminhos para a transformação. Há muito tempo a humanidade vem se apropriando de práticas que facilitem o processo de aproximação do ser humano com algo que é maior, harmônico e fluido, buscando sua conexão tanto do seu ser mais íntimo, como dos outros seres e elementos que constituem o tudo que existe.

Dentre vários caminhos encontrados durante a história humana, o Sufismo se manifestou como um modo ampliado de compreender o homem diante da existência, prezando pela unidade de todas as coisas através do amor e da retomada da presença divina no ser humano. Construiu, ao longo do tempo, práticas de meditação e êxtase a fim de aproximar o indivíduo de sua essência mais pura, livre do ego e dos condicionamentos.

Observando mais detalhadamente o Giro sufi foi possível reconhecer a importância do momento de iniciação dessa técnica de movimento, onde são introduzidos ensinamentos considerados essenciais para o desenvolvimento da prática e, conseqüentemente, dos benefícios que a mesma proporciona para o ser humano.

Na educação que vivenciamos hoje, o processo de formação está voltado a uma visão fragmentada e separada dos aspectos que compõe nossa vida. Esse processo, por sua vez, dificulta ao homem olhar o mundo em uma perspectiva de unidade, onde ele consiga situar-se em relação ao que está ao seu redor, fluindo

com o todo. Entretanto, é possível encontrarmos um modo diferente de concebermos o ensino contemporâneo, visando uma formação integral e harmônica do homem, através do autoconhecimento e da busca de uma consciência ampliada sobre a vida.

Por fim, ao encaminhar as últimas palavras desta monografia, confesso que sinto-me embriagada pela sensação de “missão cumprida”. Não somente por ter correspondido às expectativas do protocolo e dos prazos, importantes para a execução e finalização deste texto, mas principalmente por ter atingido um dos meus objetivos mais pessoais com este trabalho – ser fiel àquilo que acredito. Este foi um dos grandes desafios, mesmo antes dos primeiros passos dados, uma vez que temia cometer uma das atitudes que considero mais desapontadoras no ser humano: a hipocrisia. Assim, ao terminar esses últimos parágrafos, de tantos outros que passaram, compartilho a feliz satisfação de olhar para trás e ter certeza que trago comigo tudo o que foi dito, independente da repercussão que este trabalho possa ter, ou não, daqui em diante.

O que foi construído ao longo da minha vida, que hoje se entrelaça com essa pesquisa, transforma diariamente o meu ser, impulsionando meu desenvolvimento enquanto indivíduo e me aproximando da simples alegria de viver nesse mundo. Assim, o que termino aqui são somente as palavras escritas neste documento, enquanto, em contrapartida, inicio mais um ciclo da incrível jornada de descobrir o que ainda está por vir.

REFERÊNCIAS

ATTANTÁWY, Ali. **Apresentação geral da religião do Islam**. Brasil: Centro de Divulgação do Islã para América Latina, 1990.

AZEVEDO, Mateus Sampaio Soares de. **Iniciação ao Islã e Sufismo**. Rio de Janeiro: Record, Nova Era, 2001.

BARBARA, Rosamaria. **A dança das Aiabás: dança ritual, papéis sociais e cotidiano das mulheres de candomblé**. Tese de Doutorado em Sociologia – Universidade de São Paulo. São Paulo: 2002.

CAMARGO, Giselle Guilhom Antunes. **Sama: Etnografia de uma Dança Sufi**. Florianópolis: Editora Mosaico, 2002.

COOPER, David A. **Três portais para a meditação: as práticas no Sufismo, no Budismo e no Judaísmo**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade**. São Paulo: Palas Athena, 1997.

DANTAS, Mônica Fagundes. **Dança: o enigma do movimento**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. In: Revista Educação, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438. Porto Alegre, 2007.

_____. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KRISHNAMURTI, Jiddu. **Viagem por um mar desconhecido**. São Paulo: Editora Três, 1973.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. In: **Revista Katálisis**, Florianópolis v. 10 n.esp., p. 37-45, 2007.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

_____. **Meus demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

Movimento Sufi no Brasil. **A mensagem Sufi de Hazrat Inayat Khan: Ensinos Sufis**. Editado pela Fundação Educacional e Editorial Universalista. Porto Alegre – RS.

OLIVEIRA, Vitória Peres. O Sufismo e a ênfase no tempo presente. **Revista Numen: estudos e pesquisa da religião**. Juiz de Fora: Vol. 4, nº 2, 2001.

RAJNEESH, Bhagwan Shree. **Tantra: a suprema compreensão**. São Paulo: Editora Cultrix LTDA, 1993.

ROCHA FILHO, João Bernardes da; BASSO, Nara Regina de Souza; BORGES, Regina Maria Rabello. **Transdisciplinaridade: a natureza íntima da Educação Científica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

RODRIGUES, Rui Martinho. **Pesquisa acadêmica: como facilitar o processo de preparação de suas etapas**. São Paulo: Atlas, 2007.

SHAH, Idries. **Aprender a aprender: psicologia e espiritualidade no caminho sufi**. Rio de Janeiro: Roça Nova, 2011.

_____. **Os Sufis**. São Paulo: Círculo do livro, 1977.

UMANN, Jair Felipe Bonatto. **Dançando em harmonia na cadência da transdisciplinaridade: um referencial para o ensino das danças populares brasileiras na universidade**. 2007, 90 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2007.

WEIL, Pierre. **Antologia do Êxtase**. São Paulo: Palas Athena, 1992.

WOSIEN, Bernhard. **Dança: um caminho para a totalidade**. São Paulo: TRIOM, 2000.

WOSIEN, Maria-Gabrielle. **Dança Sagrada: deuses, mitos e ciclos**. São Paulo: TRIOM, 2002.

_____. **Os sufis e a oração em movimento**. São Paulo: TRIOM, 2002.